

## A Causa Palestina

Autor: Guy Millière

Tradução: André Carezia

Já faz muitos anos que a ‘Palestina’ não cessa de aspirar a novas e grandiosas conquistas [na chamada](#) ‘comunidade internacional’. Desde 1996, a ‘Palestina’ já se apresenta nas Olimpíadas; um pouco depois ela se tornou observadora permanente da UNESCO e da ONU. A esmagadora maioria das 95 ‘embaixadas’ da ‘Palestina’ está no mundo islâmico; o resto está na Ásia, na África, na América Latina e na Europa. Em 2014, o parlamento espanhol [votou](#) a favor do pleno reconhecimento da ‘Palestina’. Algumas semanas mais tarde, o [parlamento francês](#) fez o mesmo.

Não há outro caso, na história do mundo, em que um Estado inexistente consegue estabelecer missões e embaixadas que fingem funcionar como se o Estado de fato existisse.

Agora parece ter chegado a hora dos ‘palestinos’ perceberem que perderam, e voltarem à Terra, como bem observou o estudioso [Daniel Pipes](#).

Será que os líderes ‘palestinos’ demonstram, por seus discursos e ações, que estão prontos para dirigir um Estado que viva em paz com seus vizinhos e com o resto do mundo? Todas as lideranças ‘palestinas’ sempre – e incessantemente – [incitaram](#) o terrorismo, e não escondem o desejo de [varrer](#) Israel do mapa.

Será que o ‘povo palestino’ ambiciona ter, a longo prazo, um Estado, e viver pacificamente dentro dos limites desse Estado? Em verdade, a resposta é não. O ‘povo palestino’ foi [inventado](#) no final dos anos 60 pelos serviços de propaganda dos árabes e dos [soviéticos](#). Em março de 1977, o líder da OLP, Zuheir Mohsen, contou ao jornal holandês Trouw:

*“O povo palestino não existe. A criação de um Estado palestino é o único jeito de continuarmos a nossa luta pela unidade árabe, contra o Estado de Israel. Hoje, na realidade, não há diferença entre os jordanianos, os palestinos, os sírios e os libaneses.”*

Os [relatos](#) da Cisjordânia, depois da guerra dos seis dias, mostram que os árabes se -definiam como ‘árabes’ ou ‘jordanianos’ nas entrevistas; evidentemente não sabiam que eram o ‘povo palestino’. Desde então, eles foram instruídos a falar assim. Também foram instruídos que é seu dever matar judeus para [‘libertar a Palestina’](#). Os palestinos são o primeiro povo inventado para servir de arma de destruição em massa de um outro povo.

Será que ao menos há algum passado histórico para dar legitimidade à ambição de criar um ‘Estado palestino’? Novamente a resposta é não. Não há nenhuma cultura palestina distinta das culturas do mundo árabe islâmico; nenhum monumento que possa ser definido como um monumento histórico ‘palestino’, a menos que se [falsifique](#) a história.

Uma pergunta mais básica: um ‘Estado palestino’ hipotético seria economicamente viável? A resposta é não, de novo. Os territórios ocupados pelos movimentos palestinos somente sobrevivem graças à [assistência financeira](#) do ocidente.

Como é possível, então, que tantos países se empenhem, durante tanto tempo, em criar um Estado cujos dirigentes seriam provavelmente líderes ‘palestinos’ corruptos e retrógrados; cujos habitantes seriam usados como máquinas de matar; cuja história é inexistente ou falsificada; e cujo potencial econômico parece nulo?

A resposta é simples.

Por baixo desse apoio à criação de um ‘Estado palestino’, esses países perseguem há tempos outros objetivos. Há décadas que os países do mundo islâmico só querem uma coisa, e a querem de modo obsessivo: a destruição de Israel. Eles já tentaram atingir esse objetivo através de [guerras convencionais](#), [terrorismo](#), [diplomacia](#) e propaganda. Sempre culpam Israel, e somente ele, por todos os males no Oriente Médio.

Ao mesmo tempo, eles sabem quem são e o que fazem os líderes ‘palestinos’. Sabem que o ‘povo palestino’ foi inventado. Sabem o porquê do povo ‘palestino’ ter sido inventado. Sabem que um ‘Estado palestino’ não será economicamente viável. Mesmo assim, comprometeram-se com uma [estratégia](#) feita para desestabilizar e demonizar uma nação não-islâmica: Israel.

Eles chamam os ‘palestinos’ de ‘vítimas’; o terrorismo, de ‘militância’; e a ação de incitar assassinatos, de ‘resistir à ocupação’. Eles têm pisoteado sobre a verdadeira história para substituí-la por mitos.

Eles pressionam os líderes ‘palestinos’ a fazerem ‘negociações’, sabendo muito bem que nunca algum acordo será assinado, e que as negociações terminarão em banho de sangue. Propõem apenas [planos de paz](#) que sabem que Israel terá que rejeitar – são planos que incluem as ‘linhas do armistício de 1949’ (chamadas [‘linhas Auschwitz’](#)) ou o [‘direito de retorno’](#) dos ‘refugiados palestinos’, que eram meio milhão em 1949, e quase cinco milhões agora.

Eles reconhecem um ‘Estado palestino’, sabendo porém que o ‘Estado’ que reconhecem não é um Estado, mas um [organismo terrorista](#) sem fronteiras e território definidos, imbuído da intenção de derramar mais sangue e criar mais caos. Por meio do tumulto, da chantagem e das mentiras, eles estimulam o resto do mundo a pensar que a situação requer uma intervenção internacional drástica.

Eles sempre dizem que querem um ‘Estado palestino’, mas nunca dizem que querem que esse Estado renuncie ao terrorismo e encerre o conflito. Ao contrário, o que têm feito é se engajar em uma guerra selvagem que há muito tempo esperam vencer.

Durante mais de trinta anos, eles se beneficiaram do apoio da União Soviética. Ela financiou guerras ([1967](#), [1973](#)), terrorismo, diplomacia e propaganda. A União Soviética transformou a empreitada ‘palestina’ em uma [causa anti-imperialista](#) – um meio de fortalecer os pontos de

vista soviéticos e de neutralizar os inimigos do ocidente. A União Soviética entrou em colapso em 1991, mas os efeitos de seu apoio à ‘causa palestina’ permaneceram por algum tempo. Muitos países hostis ao ocidente ainda apoiam e reconhecem os ‘palestinos’, ao mesmo tempo que fingem ignorar que estão reconhecendo uma organização terrorista. Estão colaborando para a guerra.

Alguns países do mundo ocidental, durante anos sujeitos às pressões do mundo islâmico e da União Soviética, gradualmente foram cedendo; alguns cederam antes mesmo de serem pressionados. A França escolheu o seu lado em 1967, quando o general Charles de Gaulle deu início ao que chamou de [‘política árabe’](#), após sua derrota na Argélia. A política internacional francesa se tornou decididamente ‘pró-palestina’ – em um aparente esforço de defletir o terrorismo, obter petróleo barato e competir com os EUA – e assim tem sido até os dias de hoje. Os [países da Europa](#) ocidental foram aos poucos adotando pontos de vista semelhantes aos da França. Depois do colapso da União Soviética, a União Européia se tornou a [principal financiadora](#) da ‘causa palestina’, inclusive de suas [ações terroristas](#). Os líderes da Europa ocidental sabem quais são os objetivos reais, e no entanto repetem sem tréguas que a criação de um ‘Estado palestino’ é [‘essencial’](#). Também eles estão colaborando para a guerra.

Apesar de serem aliados de longo prazo de Israel, os Estados Unidos mudaram sua política para o Oriente Médio no início dos anos 90, adotando [posições mais próximas](#) àquelas do mundo islâmico. Alguns políticos e diplomatas pressionaram os israelenses a negociar com os líderes ‘palestinos’, e aparentemente perderam de vista o que era de fato – e em segredo – a ‘causa palestina’. Os líderes israelenses, cheios de fantasiosas esperanças, concordaram em negociar. O resultado trágico foram os [acordos de Oslo](#) e a criação da Autoridade Palestina (AP), que se tornou rapidamente uma base para [ações terroristas anti-Israel](#). Uma onda de ataques letais anti-Israel começou imediatamente, logo seguida de uma aprimorada ofensiva diplomática e propagandística contra Israel. Os líderes americanos, como se tivessem acordado de um sono de vários anos, começaram a falar da necessidade de existência de um ‘Estado palestino’. Três presidentes americanos propuseram [‘planos de paz’](#), colaborando assim também para a guerra.

Mais um ‘plano de paz’ é aguardado para breve, mas os parâmetros serão completamente [diferentes](#). O presidente Donald Trump parece querer romper com o passado. Recentemente, ele disse ao líder palestino Mahmoud Abbas que os líderes ‘palestinos’ são [mentirosos](#). Nenhum dos negociadores americanos escolhidos por ele parece ter a mais mínima ilusão sobre a liderança ‘palestina’ ou sobre a ‘causa palestina’.

A [Lei Taylor Force](#), aprovada em 5 de dezembro pela Câmara de Representantes dos EUA, tem por intenção condicionar toda ajuda americana à ‘faixa de Gaza’ e à ‘Cisjordânia’ às ‘ações empreendidas pela Autoridade Palestina para encerrar a violência e o terrorismo contra os cidadãos israelenses’; a lei pode ser ratificada em breve pelo Senado. A Autoridade Palestina [rejeitou](#) todas as condições da lei.

O mundo islâmico também passa por transformações. O Irã, enormemente fortalecido pelo [acordo](#) aprovado em julho de 2015, e pelo gigantesco aporte financeiro americano que veio juntamente com o tal acordo, tem mostrado seu desejo de se tornar um poder hegemônico

no Oriente Médio. O regime dos mulás já domina [três capitais](#) além de Teerã: Bagdá, Damasco e Beirute. [Atacou](#) a Arábia Saudita e apoia a guerra liderada pela [milícia Houthi](#) no Iêmen; tem a intenção de capturar Sanaã e se apossar de Bab El Mandeb, único caminho para o Mar Vermelho e o Canal de Suez. O Catar e a Turquia já estabeleceram fortes ligações com o Irã.

Os líderes sauditas parecem estar cientes do perigo. O rei Salman escolheu seu filho, [Mohamed bin Salman](#), como herdeiro do trono, dando-lhe plenos poderes. ‘MBS’ – como é conhecido – parece decidido a liderar uma verdadeira [revolução](#). Em termos militares, ele é o chefe dos 40 membros da [Coalizão Militar Islâmica de Contra-Terrorismo](#), e já declarou sua intenção de ‘dar um fim no terrorismo’. No aspecto econômico, ele está no comando de um projeto ambicioso de reforma que pretende fazer seu país ficar menos dependente do petróleo: o [Visão 2030](#). Foram presos todos os [líderes](#) sauditas que não concordam com as novas orientações, e seus bens foram confiscados. Mohamed bin Salman identificou o Irã como o seu principal inimigo, e recentemente descreveu seu líder supremo, Ali Khamenei, como um [novo Hitler](#). O Catar e a Turquia já estão sob intensa pressão saudita para que se distanciem do regime iraniano. O grão-mufti da Arábia Saudita, Abdulaziz ibn Abdullah al ash-Sheikh, há pouco tempo emitiu uma [fatwa](#) dizendo que ‘lutar contra os judeus’ é ‘contrário à vontade’ de Alá, e que o Hamas é uma organização terrorista.

Mohamed bin Salman tem o [apoio](#) do governo Trump; de Vladimir [Putin](#), que parece desejar um equilíbrio de forças do Oriente Médio, embora seja aliado do Irã; e de [Xi Jinping](#), que enfrenta o risco de uma rebelião islâmica sunita em Xinjiang, um território autônomo chinês.

O líder ‘palestino’, Mahmoud Abbas, foi aparentemente [convocado](#) a Riad, onde o rei Salman e Mohamed bin Salman disseram-lhe para aceitar o plano proposto pelo governo Trump, ou renunciar. Disseram-lhe também que lhe seria ‘arriscado’ considerar a incitação de um levante – ele o fez mesmo assim, embora com o cuidado de mantê-lo frouxo e pouco expressivo.

No mês de outubro, o presidente egípcio Abdel Fattah al-Sisi, aliado de Mohamed bin Salman, [convidou](#) os líderes da Autoridade Palestina e do Hamas para uma ‘reconciliação’ na cidade do Cairo. Aparentemente ele exigiu que o controle da Faixa de Gaza seja passado à Autoridade Palestina. [Parece](#) também que o governo Trump e o presidente Sisi disseram aos líderes do Hamas que eles teriam que aprovar os termos do acordo de ‘reconciliação’, e que eles correriam o risco de uma [destruição](#) completa caso empreendessem qualquer ataque contra Israel.

O ‘plano de paz’ que o governo Trump vai evidentemente apresentar já provoca o extremo [ódio](#) dos líderes ‘palestinos’. O [objetivo](#) do ‘plano’ parece ser o de reavivar um ‘processo de paz’ indeterminado, que permita à Arábia Saudita e aos membros da Coalizão Militar Islâmica de Contra-Terrorismo se aproximarem de Israel, jogando a ‘causa palestina’ para o fim da fila.

No dia 19 de novembro, uma [reunião de emergência](#) da Liga Árabe no Cairo condenou veementemente o Hezbollah e o Irã. Além do mais, pela primeira vez em cinquenta anos, uma reunião da Liga Árabe nem sequer mencionou a questão ‘palestina’.

O [reconhecimento](#) de Jerusalém como a capital de Israel, feito pelo presidente Trump em 6 de dezembro, causou rebuliço e acrimônia tanto no [mundo islâmico](#) quanto nas [lideranças da Europa ocidental](#). Entretanto, os líderes sunitas aliados à Arábia Saudita, bem como a própria Arábia Saudita, parecem suficientemente ocupados com a [ameaça iraniana](#) para alterar com Israel, Estados Unidos ou qualquer outro. A Europa ocidental quase [não tem peso algum](#) sobre o que está acontecendo; o máximo que tem demonstrado é covardia, medo, e um contínuo desdém por uma democracia que é amiga do ocidente: Israel.

O presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas, agora no décimo segundo ano de seu mandato de quatro anos – e vendo aparentemente que tem pouco apoio – parece ter ido buscar uma intervenção divina: foi pedir ajuda ao [papa](#). “Não é possível haver um Estado palestino sem a Jerusalém oriental como sua capital”, [disse](#) Abbas, dando mostras de que começou a entender que a ‘causa palestina’ pode estar se esvaindo. Não obstante, junto com outros líderes ‘palestinos’, convocou [três dias de fúria](#). Alguns poucos manifestantes queimaram pneus e bandeiras americanas – o de sempre.

O presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, pediu à Organização de Cooperação Islâmica para se reunir em Istambul em 13 de dezembro, e [compeliu](#) os líderes dos países islâmicos a reconhecerem com urgência Jerusalém como ‘capital ocupada do Estado palestino’. O rei saudita Salman ficou bem à distância, e o mesmo fizeram quase todos os outros líderes sunitas. Ele apenas enviou uma [mensagem](#) dizendo que pede uma “solução política para resolver a crise regional”. E acrescentou que os “palestinos têm direito à Jerusalém oriental” – o mínimo que podia fazer, e mais nada fez. Erdogan é apoiado principalmente pelo Irã, que hoje é o mais importante inimigo da Arábia Saudita e de outros países sunitas.

“Não será o fim da guerra contra Israel”, disse o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu, “mas pode ser o início do fim da causa palestina”.

Agora parece ser um bom momento para os líderes da Europa ocidental, que ainda apoiam cegamente a ‘causa palestina’, acabarem com suas perdas, tanto políticas quanto econômicas. Ficar do lado de Erdogan e dos mulás, só para apoiar uma organização terrorista que nunca será um ‘Estado’, não vai lhes servir em nada no combate ao terrorismo ou à crescente [islamização](#) da Europa.

--

*(Traduzido do artigo original em inglês intitulado “Twilight over the Palestinian Cause”, publicado em 21 de dezembro de 2017 no site [gatestoneinstitute.org](http://gatestoneinstitute.org). O autor, Dr. Guy Millière, é professor na Universidade de Paris e tem 27 livros publicados na França e na Europa.)*

